

UM MONUMENTO FUNERÁRIO PÚBLICO DE SURRENTUM – CIL X 680 E 688

Maricé Martins Magalhães*

Abstract

The study of two marble panels from a funerary monument of *Surrentum*, a Roman *municipium* in South Campania, Italy: its partial reconstruction and the hypothesis for the epigraphical integration of their missing parts. The result was the restitution of five of the most prominent members of the local municipal elite in Augustan and Tiberian periods, related to each other and publicly honored; their status and other important prosopographical, social and topographical data.

Keywords: Augustan and Tiberian periods; *Surrentum*; funerary epigraphy; local municipal elite.

Resumo

O estudo de dois painéis de mármore de um monumento funerário de *Surrentum*, um *município* romano no sul da Campânia, Itália: sua reconstrução parcial e a hipótese para uma integração epigráfica de suas partes faltantes. O resultado foi a restituição dos cinco membros mais proeminentes da elite municipal local nos períodos augustano e tiberiano, relacionados uns com os outros e honrados publicamente; seus status e outros dados prosopográficos, sociais e topográficos.

Palavras-chave: períodos augustano e tiberiano; *Surrentum*; epigrafia funerária; elite municipal local.

Ao menos, desde 1536, há notícia de dois grandes painéis, em mármore branco betado, conservados no pórtico do monastério medieval da atual Basílica de Santo Antonino, localizada na praça homônima em Sorrento (Campânia, Itália Meridional)¹, contendo cada um três e duas inscrições romanas – CIL X 680 a-b-c e 688 a-b respectivamente – e que, na época da elaboração da *editio prima* do CIL (1846), se encontravam ainda *in situ*. Estas peças foram transferidas em 1864 ao ex – *Sedil Dominova* para fazer parte da ‘reunião’ de mármore romanos que começava então a formar-se ali, e enfim, em 1900, juntamente com outros materiais lapidários, passou a

* Bolsista da FAPERJ junto ao Departamento de História e ao Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ. Laureada em Epigrafia e História Romana pela Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”.

compor a coleção epigráfica do *Museo Correale di Terranova*,² visto que esses materiais já estão presentes na sua primeira compilação intitulada *Inventario dei Marmi* (1901).³ Acrescente-se que uma leitura completa dessas inscrições e o monumento do funerário ao qual pertenciam permaneceram praticamente 'inobservados' nos últimos 100 anos: como as respectivas partes posteriores dos painéis tinham sido reutilizadas em época medieval para a confecção de dois mosaicos *cosmatenses*,⁴ foram sempre esses lados expostos ao público no *hall* de entrada do referido Museu, enquanto a face romana permaneceu sempre escondida, encostada à parede. Em 1998, na ocasião do início do catálogo das inscrições gregas e romanas do Museu, as inscrições foram 'redescobertas' por quem escreve, e conseqüentemente foi possível fazer um exame acurado das lápides na sua íntegra, com a junção de dados importantíssimos que, à sua época, faltaram no CIL.

Depois do estudo das cinco inscrições, emergiram alguns personagens da sociedade sorrentina de época júlio-cláudia (principalmente entre Augusto e Tibério) pertencentes à restrita elite local, todos representados em um monumento funerário *sui generis* em confronto com todos os outros contemporâneos existentes na região, e que talvez retire os seus modelos de monumentos da *Urbs* ou da Campânia Setentrional⁵, não obstante tenham sido executados por uma oficina lapidária local.

Primeiramente, o monumento funerário deveria localizar-se na zona do *pomerium* da cidade romana, nas imediações da chamada Porta Santo Antonino (a NE das muralhas citadinas; Figura 1*),⁶ pois tão robustos painéis dificilmente são transportados para muito longe do seu lugar de origem. A sua tipologia, quase única, indica que o monumento era composto por um edifício em alvenaria com planta quadrangular, em cujas paredes eram fixados – acima de uma base ou rodapé com não menos de 60 cm de altura – os painéis que eram altos, pelo menos 1,80 m, e largos, 2 e 2,30 m, respectivamente (ver a restituição gráfica dos mesmos e a integração das lacunas epigráficas nas Figuras 2 e 3).⁷

Sempre os painéis apresentam cavidades redondas para cinco *clipei*; são modelados em torno das bordas com motivo *a finta baccellatura* para dois personagens masculinos pertencentes à ordem eqüestre, a saber *T. Clodius C. [f. C. n. Men.] Pro[culus]* (ver. n. 1) e *L. Cornelius L. f. Men.*

* Ver as Figuras a partir da página 163.

M[- -] (Ficha n. 2). Outros dois *clipei* são decorados em torno das bordas com um motivo a *corona* composta de florões, frutos, espigas e fitas, pertencentes a duas sacerdotisas públicas de Vênus e de Ceres, uma denominada [- -]a L. f. *Magna* (Ficha n. 4) e outra cuja fórmula onomástica infelizmente foi perdida (Ficha n. 5). Enfim um motivo decorativo a *perline* decora um *clipeus* menor dedicado a um personagem masculino já de grau decurional (não obstante a tenra idade), *M. Sittius C. f. Fal. Fronto Saufeius Proculus* (Ficha n. 3). Obviamente, na cavidade dos *clipei*, teriam sido fixados os bustos-retratos de cada um dos personagens (cujos resquícios são ainda visíveis no interior das bordas), e abaixo dos quais são incisas as respectivas inscrições funerárias reportando as homenagens públicas individualmente recebidas. Destaca-se, no conjunto, o modo um pouco descuidado com o qual as epígrafes foram incisas, dado que não apresentam alinhamento entre si, apesar de haver somente duas mãos de lapicidas operantes durante o trabalho.

Aparentemente problemática é a época da construção do monumento. O primeiro personagem é claramente de idade augustea (Ficha n. 1), enquanto o segundo, de pleno período tiberiano (Ficha n. 2). No entanto, para a inserção do terceiro (Ficha n. 3), a oficina lapidária se viu obrigada a acrescentar, em um momento posterior, uma nova cavidade para o seu *clipeus* no espaço resíduo entre outros dois que eram contemporâneos (Fichas n. 1 e n. 4), o que naturalmente aconteceu depois do n. 2 mas antes da época tiberiano-cláudia, que é o *terminus ad quem* (máximo) que se poderia atribuir à inscrição do n. 3. Esses dados induzem a pensar que: a) o monumento tenha sido inicialmente construído somente para alguns membros da elite cidadina em época augustana e depois tivessem sido acrescentadas as outras dedicatórias; b) por outro lado, o fato de que na inscrição funerária de um *eques* a serviço do imperador (Ficha n. 1) e de uma *sacerdos publica Veneris et Cereris* morta ainda em cargo (Ficha n. 4) não sejam mencionadas as honras fúnebres públicas, oferecidas para todos os outros membros que compunham o monumento (Fichas n. 2, n. 3 e n. 5), pode ser um indício de que os funerais verdadeiros dos primeiros tenham sido celebrados em outro lugar, e que só sucessivamente os seus restos (cinzas) tenham sido trasladados para o monumento na época de sua construção, ou seja, em período tiberiano-cláudio; c) em última análise, os mesmos tenham recebido somente o *locus sepulturae publicus*, mas não publicamente o *funus*. Poder-se-ia encontrar uma confirmação para essa hipótese no fato de que ambos os *clipei* com as respectivas inscrições (Fichas n. 1 e n. 4) foram confeccionados sobre um mesmo pai-

nel. Não obstante sejam claras nas inscrições somente as honras públicas oferecidas pelo *ordo decurionum* para os funerais de três deles (Fichas n. 2, n. 3 e n. 5), a localização na área do *pomerium* faz concluir que obviamente também o solo público tenha sido concedido pelo *ordo* para construção do monumento; essa última, no entanto, foi provavelmente às custas de privados, ou seja, das famílias desses ilustres personagens, visto que o ônus pela edificação não é mencionado em nenhum dos textos. Acrescente-se, finalmente, que talvez não somente esses personagens ocupassem o monumento; se considerarmos que os painéis reutilizados na Basílica de Santo Antonino constituíssem somente dois dos quatro lados do púlpito medieval, poder-se-ia concluir que faltam ainda outros dois painéis reutilizados ali (hoje aparentemente perdidos), o que corresponderia a pelo menos outras quatro inscrições sobre a face romana.

As inscrições fornecem dados importantíssimos para o conhecimento da sociedade sorrentina da época – que habitava esse pequeno município regido por *duumviri* (MAGALHÃES, 2003, p.47). Assim apreendemos e. g. a articulada carreira militar percorrida pelo *eques romanus T. Clodius* (n. 1), quase um *hapax*, em comparação com todas as outras carreiras eqüestres seguidas pelos outros *domi nobiles* contemporâneos existentes entre *Pompeii*, *Nuceria-Stabiae* e *Surrentum* mesma, que obtiveram a nomeação aos cargos eqüestres somente por ascendência e por prestígio na vida municipal. Além disso, temos o testemunho de um edifício de culto de Vênus e de colégio de *matronae* de *Ceres*, do qual faziam parte os membros femininos da aristocracia citadina (Fichas n. 4 e, principalmente, n. 5). Dos dados epigráficos foi possível recolher ainda a prova de um edifício dedicado ao culto de Roma e de Tibério nas imediações do *forum* e talvez de uma outra construção destinada a *ludi gladiatorii circenses* (como será visto na Ficha n. 2). Observe-se enfim que não é completamente excluída a hipótese de que tal aristocracia municipal de período júlio-cláudio tivesse ligações com a Campânia Setentrional, provavelmente devido aos interesses econômicos com a produção de vinho que, como se sabe, é comum a ambas as regiões (ver Ficha n. 3).

Serão apresentadas em seguida as fichas epigráficas relativas às cinco inscrições anteriormente citadas, abordadas singularmente. Os *lemmata* foram radicalmente reduzidos nessa sede para não prolongar o texto com descrições repetitivas. A esses, seguem os textos das epígrafes com os desenvolvimentos das abreviaturas e as integrações de lacunas; depois de cada aparato crítico e datação, os comentários de caráter onomástico e prosopográfico, institucional, topográfico, etc.

Ordo equester

Ficha n. 1 – Esse primeiro painel é constituído de dois módulos, pois falta a parte central; no inferior está incisa a primeira inscrição. Na parte inferior esquerda, sobre a mesma lastra, estão ainda as epígrafes n. 3 e n. 4 (CIL X 680 b e 680 a), alinhadas diferentemente. No módulo superior, é visível a parte superior de um *clipeus*, em forma de meia-lua, que apresenta decoração *a finta baccellatura* e restos de tinta amarelada sobre a superfície marmórea. A inscrição se encontra no módulo inferior, fraturada à direita. Falta a parte central correspondente à parte mediana e inferior do *clipeus* e à parte superior da epígrafe. É ainda evidente um recavo para a fixação ao longo da borda inferior com uma pequena fratura angular à esquerda. Medidas: h., 41,5 cm (módulo superior); 69,5 cm (módulo inferior) – faltando então 61 cm correspondentes à parte central, se compararmos com a altura do n. 2, íntegra. A largura é de 124 cm; espessura, 7,5 cm. Interpunções redondas. O T de *Scythicae* ultrapassa a linha (montante). Altura das letras: l. 1, 4,3 cm; ll. 2-3, 4 cm; ll. 4, 5 e 6, 3 cm; l. 7, 2,5 cm. Bibl.: CIL X 680 c. Inv. n. 219. Figuras 2 (restituição gráfica), 4 (painel) e 6 (detalhe da inscrição).

T(it)o Clodio C(aii) [f(ilio) C(aii) n(epoti) Men(enia)]

Pro[culo],

praef(ecto) fab[r(um), Hvir(o), quinq(uennali)],

tribunus (!) mil (itum) [leg(ionum) X Gem(inae)?, IIII]

5 *Scythicae, leg(ionis) [VI Vic(tricis)?, ab Imp(eratore)]*

Caesare Augu [sto misso pro]

censore ad Lus [itanos].

Lin. 1: há espaço suficiente para incluir *C. n.*, não existente no CIL, e assim recuperamos também o provável *praenomen* do avô; lin. 3: o encargo de *Hvir(o) quinq(uennali)* se adapta muito bem, também esse não integrado no CIL; lin. 4: *tribunus* em vez de *tribuno*; entre *mil(itum)* e o numeral *IIII* (que deve existir de qualquer maneira por causa do nome da legião) resta um espaço no qual poderia encaixar-se muito bem *X Gem(inae)* sugerida por Mommsen no CIL para a linha 5; aceitando-se a opção aqui adotada, *LEG* poderia ser resolvida no plural; o espaço é muito exíguo para que se possa integrar *IIII* ou *VMaced(onicae)*; lin. 5: [*X Gem(inae)*] sugeriram Mommsen em CIL e DEVIJVER; [*VI Vic(tricis)*], cf. LE ROUX e DEMOUGIN, 1992, p.142, n. 145, opção também adotada aqui.

Datação: época augustana.

A inscrição foi colocada para o cavaleiro *T. Clodius C. [f. C. n. Men.] Pro[culus]*, um personagem local, (caso se aceite a integração da tribo *Menenia*), e de condição eqüestre, ou seja, um *domi nobilis* da *Surrentum* de Augusto. Aceitando-se também a integração *Ilvir(o) quinq(uennali)* na lin.3, poder-se-ia afirmar que ele teria seguido a carreira municipal antes de atingir o grau eqüestre como *praefectus fabrum*, não obstante no seu *cursus* faltem os primeiros encargos municipais (edilidade e duunvirato jurisdicente)⁸. No entanto, se compararmos com a carreira do n. 2, poder-se-ia interpretar dois encargos: o primeiro de *Ilvir* (seguido de uma vírgula ou pausa) e depois, separadamente, a quinquenalidade (faltando somente a menção da edilidade). De qualquer maneira, ele recebeu em seguida a nomeação para *tribunus* – talvez antes na legião *X Gemina* (que se encontrava na *Hispania* pelo menos desde a época de *Actium*)⁹, depois foi iterado seguramente na legião *III Scythica* (que sob Augusto era entre a *Macedonia* e a *Moesia* ou países danubianos)¹⁰ e enfim com muita probabilidade voltou à *Hispania*, já na legião *VI Victrix*, porque essa última se encontrava justamente em *Emerita Augusta*, capital da província imperial de *Lusitania* em época tiberiana e cláudia (LE ROUX, 1982, p.123; DEMOUGIN, 1992, p.142, n.145).

De fato a integração das duas legiões que faltam nas linhas 4 e 5 poderia colocar alguma dúvida. No entanto sabe-se que as únicas três legiões assentadas durante esse período na *Hispania* eram a *III Macedonica*, a *VI Victrix* e a *X Gemina* (GÓMEZ-PANTOJA, 2000, pp.173-174, 177 e 179); como o espaço em ambas as linhas não é suficientemente longo para integrar *III MACED*, restam somente as duas outras alternativas. A opção de colocar *X GEM* em primeiro lugar (lin. 4) se baseia no fato de que essa legião foi a primeira a ser assentada na província (depois de *Actium*) e já em 25 a.C. os seus veteranos participaram da fundação da colônia *Emerita Augusta* (GÓMEZ-PANTOJA, 2000, p.172). Assim é possível que *T. Clodius* tivesse ingressado primeiro nesta legião e, depois de um período de permanência na *III Scythica* sobre o Danúbio, tivesse retornado à *Hispania*, mas então já na *VI Victrix*, cujo assentamento é de muito posterior ao da *X Gemina* (não antes da época tiberiana) (LE ROUX, 1982, p.123; GÓMEZ-PANTOJA, 2000, p.176) levando também em conta que a ordem das legiões na inscrição não segue forçosamente a precisa cronologia da sua carreira como tribuno. De qualquer modo, ambas as legiões hispânicas eram colocadas em *castra* vizinhos; pegue-se ainda como comparação à nossa inscrição o caso exem-

plar de uma outra, onde um certo centurião *Sabidius* foi *primipilus* na *X Gemina* e depois *princeps* na *VI Victrix* (CIL IX 4122 = ILS 2644, *Aequiculi*). Excluo *a priori* uma qualquer integração com a *V Maced(onica)*, essa por sua vez de serviço na *Moesia* e no Baixo Danúbio junto à *III Scythica* (SPEIDEL, 2000, p.328) porque, como já dito antes, além do espaço resíduo não comportar essa restituição, parece mais claro que *T. Clodius* tenha seguido a maior parte da sua carreira militar na *Hispania*, onde teria adquirido alguns vínculos e grande conhecimento do território, e onde será inclusive, no futuro, legado do imperador.

Confirma a sua ligação anterior com a província *Lusitania*, o fato de que o nosso tribuno foi enviado ali mesmo pelo próprio imperador, na qualidade de censor – [*ab Imp(eratore)*] *Caesare Augu[sto misso pro] censore ad Lusitanos* – ou seja, para fazer o censo dos lusitanos¹¹. Observe-se enfim que o nosso personagem passou diretamente do tribunado militar a um encargo sob a designação imperial (*legatus*), saltando a procuradoria equestre, que, na maior parte dos casos, precede essa missão especial (DOBSON, 1993, p.70, tab. I).

Dado que esses *Caii* e *Titi Clodii* (o primeiro *praenomen* do pai e do avô de *Titus*) pertenciam à classe dirigente cidadina, obviamente estabelecida em *Surrentum* há pelo menos duas gerações, poder-se-ia avançar a hipótese de que eles fossem os produtores do famoso vinho *Surrentinum Clodianum*.¹² Recorde-se ainda que os *Clodii* do mesmo grau em *Pompeii* (se bem que do ramo dos *Auli*) se destacam justamente neste período, como *e.g.* *A. Clodius Flaccus*, filho de uma *Lassia*, provável descendente dos conhecidos produtores de vinho e de ânforas no II séc. a.C.; uma liberta dos *Lassii* é também testemunhada em *Surrentum* na mesma época (CIL X 756).¹³ E do mesmo modo que a *Lassia* pompeiana (casada com um *Clodius* de origem modesta) era uma *sacerdos publica Cereris*, também o nosso *Clodius* é claramente ligado às duas anônimas *sacerdotes publicae Cereris* no mesmo monumento funerário (ver as Fichas n. 4 e n. 5); e não causaria espanto se uma delas fosse também uma *Lassia*. A família desse personagem tinha ainda evidentes ligações com os *L. Cornelii* (igualmente de grau equestre, cf. Ficha n. 2) e com os *Sittii* – *Saufei* (de condição decurional, cf. o n. 3).

Enfim, a ausente menção das honras e das despesas com o seu funeral (como acontece ao contrário com os outros componentes do monumento, exceto o n. 4) pode ser um indício de que ele tivesse morrido longe de *Surrentum* a serviço do imperador e que este poderia ser somente o seu

cenotáfio comemorativo; ou simplesmente que o nosso cavaleiro não tivesse sido homenageado pelo *ordo decurionum* municipal com o *funus publicum*, mas somente com o *locus sepulturae*, no entanto sempre público por tratar-se de zona pomerial.

Ficha n. 2 – Neste segundo painel, quase íntegro, está incisa a presente inscrição e também aquela que será apresentada na Ficha n. 5 (CIL X 688 a), que não segue o mesmo alinhamento. Acima da epígrafe, existe um *clipeus* decorado com motivo *a finta baccellatura*; o painel apresenta ainda duas fraturas transversais entre os dois *clipei* e dois encaves acima e sobre a moldura. A parte interna do *clipeus* contém traços do escalpelo que retirou o busto do cimento que o fixava e manchas avermelhadas do mármore *porfido* aplicado em época medieval. Ainda visível um encavo para fixação ao longo do bordo inferior, com uma pequena fratura no ângulo direito. Também a superfície desse painel apresenta restos de tinta amarelada. Medidas: h., 172 cm; larg., 128 cm; espessura, 8 cm. Letras apicadas e interpunções triangulares. Altura das letras: l. 1, 5 cm; l. 2, 4,5 cm; l. 3, 4 cm; ll. 4, 5, 6, 7, 8 e 9, 3 cm; l. 10, 3,5 cm. Bibl.: CIL X 688 b. Inv. n. 218. Figuras 3 (restituição gráfica), 5 (painel) e 7 (detalhe da inscrição).

*L(ucio) Cornelio L(ucii) f(ilio) Men(enia) M[- - -],
flamini Romae Ti(berii) Ca[esa(aris) Aug(usti)],
auguri, aed(ili), II vir(o), qu[inquenn(ali)],
praef(ecto) fabr(um) bis. Hic togae vir[ilis] die]*

5 *crustulum et mulsum populo [dedit];*

aedilitate spectaculum gladia[torum]

circensium edidit; ob honor[em] duovirat(i)]

decurionib(us) magnam cenam d[edit]; quin-]

quennalitate sua ludos sp][endid(os) edidit].

10 *Huic decurion(es) publice locum [sepultur(ae) et in]*

funer(e) HS L et statuam [decreuerunt].

Lin. 2: é visível o início da letra A de *Ca[esaris]*; BELOCH, 1890, p.292, n. 338 e Mommsen no CIL: *C[aes. Aug.]*; linhas 6 / 7: *gladia[tor(um) et / circensium]* restituiu Henzen reportado em CIL; lin. 7: sem dúvida a restituição é *[duovirat(i)]*, que vem claramente depois da edilidade e antes da quinquenalidade (*censura*) e assim também pensou Beloch quando resti-

tuiu: *ob honor[em Ilvir]*; lin. 9: Beloch e Mommsen em CIL integraram *splend(idos)*, mas pelo espaço é melhor *splendid(os)*; lin. 10: o mesmo Mommsen restituiu *sepulturae*, enquanto o espaço restante comporta melhor *sepultur(ae)*; Beloch: [*sep. et impensas*].

Datação: idade tiberiana.

Outro personagem de condição equestre que fazia parte da elite cidadina de *Surrentum* era esse *L. Cornelius L. f. Men. M[- -]*, que seguiu a habitual carreira municipal antes de ascender à *praefectura fabrum* (à qual foi nomeado por bem duas vezes), seu último grau alcançado no *ordo*, como acontecia normalmente com todos os outros *equites municipales*.¹⁴ A esse cargo se acrescentam duas funções sacerdotais, registradas no início da inscrição (linhas 2 / 3), mas provavelmente cumpridas a partir do duunvirato: uma de *flamen* de Roma e de Tibério,¹⁵ a outra de *augur*, como se sabe, ambas características dos mais distintos personagens da hierarquia municipal (recorde-se aqui *e.g. M. Holconius, D. Lucretius e Cn. Alleius de Pompeii*) (ver CASTRÉN, 1975, p.68).

O nosso *L. Cornelius* foi ainda honrado publicamente pelo *ordo decurionum* com o lugar da sepultura na zona pomerial juntamente com os seus dois outros concidadãos (Fichas n. 3 e n. 5), com 5.000 sestércios para as despesas dos seus funerais¹⁶ e com uma estátua, devido à sua munificência para com a comunidade: distribuiu pão e vinho com mel ao povo no dia em que revestiu a toga viril; ofereceu jogos gladiatoriais circenses por ocasião da sua edilidade; concedeu um grande banquete para os decuriões locais provavelmente quando recebeu a honra do duunvirato; e ainda patrocinou esplêndidos jogos quando foi eleito quinqüenal (censor). No entanto, faltam dados para se poder afirmar se esses poderosos *L. Corneli* de *Surrentum* chegaram depois da guerra social (e pertenciam assim à clientela do ditador homônimo)¹⁷ ou se estavam entre os veteranos de Otaviano / Augusto, os quais, de qualquer modo, participaram de outros assentamentos viritanos no *ager Surrentinus* entre a época triunviral e proto-augustana.¹⁸

A controvertida expressão ... *spectaculum gladia[torum] / circensium edidit* ... na inscrição (linhas 6 / 7) deu margem para que os primeiros editores imaginassem ingenuamente a existência de um *circus* em *Surrentum* (sobre as opiniões, RUSSO, 1997, pp.18-19), mas a hipótese já foi recusada na época de Mommsen (em CIL) e, por fim, em MINGAZZINI-PFISTER, 1946, pp.36-37. Existem testemunhos epigráficos para indicar que o vocábulo *spectaculum* em época tardo-republicana designava o edifício anfiteatral

(e.g. CIL X 852, sobre a construção daquele de *Pompeii*), mas o emprego da forma verbal *edidit* tem claramente o sentido de ‘produzir, oferecer, dar’; conseqüentemente, parece difícil imaginar que o nosso *Cornelius* tenha sido o comitente de uma obra monumental como a construção de um anfiteatro, mas sim que realmente tenha ‘oferecido um espetáculo’. Além disso, ao estado atual dos nossos conhecimentos, não há evidências materiais de tal construção nos arredores da cidade, onde as muralhas urbanas circundam somente 29 hectares, e que possuía um pequeno teatro augusteo com a capacidade para hospedar 2.000 a 2.500 espectadores (dados esses em perfeita consonância com o número de habitantes, que não superava os 4.000 a 5.000).¹⁹ Observe-se também que não só o teatro, mas também as áreas abertas da cidade poderiam hospedar esses *ludi gladiatorii*, e não causa estranheza que tenha sido acrescido o termo *circenses*, já que os *ludi circenses* (originalmente realizados no circo e ligados aos jogos eqüestres) encerravam em geral também o espetáculo gladiatorial ou outros afins (SABBATINI-TUMOLESI, 1988, p.129). Para ilustrar esse tipo de jogos, e não realizados necessariamente num anfiteatro, recorde-se somente uma inscrição pompeiana de plena época augustana, na qual A. *Clodius A. f. Men. Flaccus* (aliás do mesmo grau do L. *Cornelius* sorrentino) promoveu, enquanto foi duunviro, durante os *ludi Apollinares* e em pleno *forum* citadino (*in foro*), paradas, touradas, jogos de pugilatos, representações burlescas e pantomimas, etc.²⁰ Enfim, confirma a presença de jogos gladiatoriais sorrentinos um gladiador, com a especialidade de *scaeva mirmillo* (*sic*) que aparece em uma epígrafe funerária descoberta em uma das suas necrópoles (MAGALHÃES, 2003, p.190, n. 51).

Sob o ponto de vista topográfico, o nosso texto faz subentender um dado de suma importância: a existência de um edifício dedicado ao culto de Roma e de Tibério, localizado seguramente nas imediações do *forum*, onde aliás foi encontrada parte de uma escultura retratando a cabeça desse imperador e a famosa ‘Base de Augusto’, na verdade datável do início do império de Tibério (MAGALHÃES, 2003, p.54).

Ordo decurionum siue equester

Ficha n. 3 – A inscrição era colocada no mesmo painel fraturado daquela de T. *Clodius* (Ficha n. 1) e da *sacerdos publica* (Ficha n. 4), bem no centro. Imediatamente acima da epígrafe são ainda visíveis os traços da parte inferior de um pequeno *clipeus* decorado ao longo das bordas com motivo a *perline*, talvez

escolhido propositalmente para a criança por sua leveza. Esse *clipeus* com sua inscrição foram inseridos no painel em um segundo momento, entre os dois grandes *clipei* dos adultos (n. 1 e n. 4); de fato, a distância entre esses últimos é igual àquela existente entre os *clipei* de n. 2 e n. 5 do outro painel; com a inserção do pequenino, mesmo colocado mais abaixo, o espaço foi claramente reduzido. A inscrição apresenta uma fratura transversal no centro e é mutilada na parte central, onde o espaço foi preenchido posteriormente com argamassa. A inscrição é ligeiramente descendente em direção à direita e não é alinhada com os outros dois textos laterais já mencionados. Medidas: as mesmas do n. 1. Letras apicadas com restos de rubricatura e pontos triangulares. Altura das letras: linha 1, 4 cm; linhas 2 e 3, 3,5 cm; linhas 4, 5, 6 e 7, 3 cm. Bibl.: CIL X 680 b. Inv. n. 219. Figuras 2 (restituição gráfica), 4 (painel) e 8 (detalhe da inscrição).

M(arco) Sittio C(aii) f(ilio) Fal(erna)

Frontoni Saufeio

Proculo,

vix[it an]num et mens(es)

5 *tre[s. Hui]c decurion(es)*

loc[um sep]ulturae et

in fu[nere] HS L decr(euerunt).

Lin. 7: BELOCH, 1890, p.292, n. 339 entendeu estranhamente *in fun[us]*.

Datação: época tiberiana ou no máximo claudia.

Se bem que tenha morrido com somente um ano e três meses de idade (!), *M. Sittius C. f. Fal. Fronto Saufeius Proculus* foi honrado pelo *ordo decurionum* cidadão com o solo público para a sepultura e com 5.000 sestércios para as despesas com os seus funerais (a soma já foi comentada no texto precedente). Infelizmente faltam elementos no texto para que se possa afirmar se esse jovem personagem foi descendente de uma família de grau decurional ou de extração equestre, nesse último caso no mesmo *status* dos outros membros do monumento.

Pela fórmula onomástica no menino, entende-se que era filho de um *C. Sittius Fal.*,²¹ um personagem não conhecido até o momento, originário de uma cidade campana inscrita na tribo *Falerna* (*Capua, Puteoli* ou *Nola*), e por sua vez provavelmente filho de um *M. Sittius*, do qual o neto teria herdado o *praenomen*. À fórmula onomástica paterna segue aquela da mãe, uma *Saufeia Procula* ou

Procilla, talvez pertencente a uma família originária do *Latium*.²² No entanto, poder-se-ia excluir *a priori* que *M. Sittius* pudesse ter sido um adotado por testamento, como poderia sugerir inicialmente a sua fórmula onomástica. De qualquer modo é possível notar que no final de uma geração o pai do menino teria alcançado pelo menos o grau decurional no pequeno município de *Surrentum*, ‘herdado’ depois pelo nosso pequeno *Sittius* já desde o seu nascimento (*praetextatus*); isso porque o texto da inscrição não menciona nenhuma *adlectio in ordine*, também freqüente com indivíduos de tenra idade. Observe-se que esse modo de honrar influentes figuras paternas através de concessões precoces aos filhos não é uma novidade no território (e.g. CASTRÉN, 1975, p.57).

Sacerdotes publicae

Ficha n. 4 – A epígrafe da sacerdotisa era colocada sobre o mesmo painel sem módulo central dos n. 1 e n. 3 (*T. Clodius* e *M. Sittius*) já apresentados precedentemente. A inscrição foi incisa no lado esquerdo do módulo inferior, e sobre a qual restam os traços de duas fitas descendentes; na parte inferior do módulo superior restam ainda, em forma de meia-lua, os traços da decoração composta de florões centrais ladeados por frutos, claramente pertencentes à parte superior de uma coroa (o confronto se encontra na coroa íntegra da n. 5). A lápide é mutilada do lado esquerdo e parte do texto é inscrito bem abaixo das fitas descendentes, porque breve. Medidas: as mesmas apresentadas no n. 1. Letras apicadas com restos de rubricatura. Interpunções triangulares. Altura das letras: linha 1, 4,5 cm; linha 2, 4 cm; linha 3, 3,5 cm. Bibl.: CIL X 680 a. Inv. n. 219. Figuras 2 (restituição gráfica), 4 (painel) e 9 (detalhe da inscrição).

[– ^{ca. 6} –]ae L(ucii) f(iliae) Magnae

[sace]rdoti public(ae)

[Vene]ris et Cereris.

Lin. 1: Seguindo os modelos de impaginação das epígrafes n. 1, n. 2 e n. 3 que começam com *colum*, é possível integrar bem seis letras na linha 1; linhas 2 e 3: as letras R de *[sace]rdoti* e de *[Vene]ris* não são mais visíveis como na época de Mommsen (CIL).

Datação: época augustana (se a consideramos contemporânea do n. 1) ou no máximo tiberiana (levando em conta a datação do n. 2)

A fratura da esquerda impede obviamente de recuperar o *nomen* gentílico acéfalo ([- - -]a, em nominativo) dessa *sacerdos publica* de Vênus e de Ceres; no entanto, a julgar pela coincidência da filiação *L(ucii) f(ilia)*, poder-se-ia propor, com alguma reserva, que se tratasse de uma *Cornelia* (talvez um pouco longo) ligada assim ao cavaleiro de época tiberiana *L. Cornelius* (Ficha n. 2), também filho de *L(ucius)*; como a sua inscrição se encontra à esquerda da de um outro cavaleiro de idade augustana *T. Clodius* (Ficha n. 1) e do menino *M. Sittius* (Ficha n. 3), uma outra possibilidade é que se trate de uma *Lassia*, visto o hipotético vínculo de parentesco existente entre os *Clodii* e os *Lassii* (já comentado na Ficha n. 1) e ainda porque esse gentílico poderia preencher as seis letras que faltam à esquerda da linha 1. Além disso, como se sabe através de outros testemunhos de contemporâneas sacerdotisas de Vênus e de Ceres (ver também a Ficha n. 5) – típico sacerdócio público especialmente em *Pompeii*, *Capua* e *Puteoli* –²³ pode-se concluir que eram ‘recrutadas’ entre os membros femininos da alta aristocracia municipal (por nascimento ou por matrimônio) e que desenvolviam um papel significativo na sociedade da época.

De qualquer maneira, o próprio *cognomen Magna* é indicativo de uma certa distinção do personagem desde o seu nascimento, muito importante para a nobreza republicana e freqüente na classe dirigente das municipalidades no Império.²⁴

Enfim, a ausência da expressão *in funere (sestertia) tot*, como já acontece no texto da inscrição de n. 1, pode indicar que os restos fúnebres (cinzas) da sacerdotisa não tivessem sido realmente sepultos no monumento (mas que tivesse sido somente recordada ali) ou então que o *ordo* não tivesse decretado as comemorações fúnebres a ela devidas (mas somente o *locus sepulturae*), mesmo se morta enquanto revestia o encargo público.²⁵

Ficha n. 5 – Essa valiosa epígrafe de outra sacerdotisa era por sua vez localizada sobre o mesmo painel do n. 2 (*L. Cornelius*), à esquerda e não alinhada a essa. A parte superior apresenta o habitual *clipeus*, mais baixo que o masculino, e circundado de uma decoração do tipo *a corona*, composta de folhas, espigas, florões, frutos e um torno terminando em nó e duas fitas descendentes; um motivo decorativo bem evidente que recorda imediatamente o culto de *Ceres* e principalmente a política do tempo.²⁶ A parte interna do *clipeus* apresenta os sinais de escalpelatura para a remoção do busto-retrato; sobre a moldura existem dois encavos para grampos de fixação. O texto da inscrição foi gravado sobre as fitas descendentes, sinal de que a decoração do *clipeus*

era preparada antes da incisão das letras: como o texto era muito longo, o lapicida viu-se obrigado a iniciar bem do alto. Medidas: as mesmas do n. 2. Letras apicadas, pontos triangulares e uma *hedera distinguens* na linha 4. Um nexu entre NT de *decreuerunt* (linha 6). Altura das letras: linha 1, 5 cm; linha 2, 4,5 cm; linha 3, 4 cm; linha 4, 3,5 cm; linhas 5 e 6, 3 cm. Bibl.: CIL X 688 a. Inv. n. 218. Figuras 3 (restituição gráfica), 5 (painel) e 10 (detalhe da inscrição).

[- ca.¹³ - s]qcerd(oti) public(ae) Vener(is)

[et Cereris. H]uic matronae statuam

[ex aere con]lato in aedem Veneris

[ponendam cu]rauerunt. (hedera) Huic

5 [decuriones p]ublice locum sepulturae et

[in funere HS L] et statuam decreueruñt.

Lin. 1: como observado na precedente, a integração de 13 letras segue o mesmo parâmetro de impaginação das inscrições n. 1, n. 2 e n. 4, que iniciam com *colum*; lin. 2: [et Cereris?], Mommsen no CIL e BELOCH, 1890, p.293, n. 340, mas não vejo porque duvidar se comparada à Ficha n. 4; linha 3: Beloch integrou [loco dec. decr. d]ato; lin. 4: distinguível o R de [cu]rauerunt sob a fratura, como também o V de [p]ublice (lin. 5); lin. 6: o espaço disponível poderia restituir a cifra L (mais estreita) e em perfeita consonância com as cifras gastas para os funerais dos n. 2 e n. 3. Beloch integrou: [funus h. s. L].

Datação: idade augustana ou tiberiana pelos mesmos motivos da anterior.

Um outro importantíssimo testemunho do sacerdócio público de Vênus e muito provavelmente de Ceres nos é dado nessa inscrição da anônima *sacerdos*, pertencente ao mesmo círculo social dos outros personagens anteriormente descritos. A nossa sacerdotisa foi honrada pelas outras *matronae* sorrentinas encarregadas do culto²⁷ com uma estátua realizada com o dinheiro recolhido entre elas ([ex aere con]lato) (sobre a expressão MROZEK, 1981, pp.161-163) e colocada no templo de Vênus. Além disso ela foi ainda homenageada através de um decreto dos decuriões com o terreno público da sepultura e com uma certa soma em sestércios para as despesas do seu funeral (provavelmente 5.000).²⁸

A integração da fórmula onomástica da sacerdotisa é obviamente impossível; mas, dado o pouco espaço disponível à esquerda da lin. 1, é justo notar que o personagem não se apresentava com o nome completo (*nomen*, filiação e *cognomen*), mas provavelmente com somente o *nomen* + filiação

(e.g. *Cornelia L. f.* = 12 espaços); ou então com um longo *cognomen* e com o qual era tão conhecida que dispensava até o emprego do gentílico.²⁹ Note-se enfim que a fórmula de encerramento da inscrição é praticamente idêntica à do seu ‘vizinho’ no n. 2.

Outros testemunhos dessas *sacerdotes* – típico de esposas e filhas de condição eqüestre ou decurional – encontram-se freqüentemente na Campânia, como em *Abella (Iovia Veneria)*, *Teanum Sidicinum (Cereris publica)* e no Lácio em *Antium (Cereris)*, *Atina (Cerealis et Veneria)*, *Casinum (Cereris et Veneris)* e *Formiae (Cereris)* (CIL X 1207 e 4794; 5073, 5144 e 5145; 5191; 6103; 6109 e 6640 respectivamente). Com relação à amostra específica de *Surrentum* aqui examinada, observe-se que o culto de *Venus et Ceres* era oficiado como um único sacerdócio, enquanto que e.g. em *Pompeii* são atestados separadamente, ou seja, por um lado, com *sacerdotes publicae (Veneris?)*, por outro, com as *sacerdotes publicae Cereris*, e ainda com o sacerdócio comum de ambas as divindades, porém não público! (SAVUNEN, 1997, pp.129-141). No nosso caso parece que os cultos dessas divindades teriam surgido separadamente e depois teriam sido conjugados, já que a sede era no templo de Vênus, como demonstra o texto. Mas se sabe que as oficiantes de Ceres tiveram um papel fundamental na sociedade da época, dada a presença de *matronae*, associação religiosa de tipo colegial da qual faria parte também a morta. Essas matronas teriam a sua origem no culto feminino de *Demeter*, comum na Campânia, principalmente em *Neapólis*, e depois em *Cumae*, *Capua* e *Teanum Sidicinum*.³⁰ Parece que o tradicional culto da *Thesmophoros* teria sido ‘re-pescado’ em idade republicana como modalidade de controle do comportamento público e político das mulheres romanas, de maneira a guiá-las a um comportamento mais ‘doméstico’ e ‘civil’ tido como ‘correto’, seguindo o que era justamente o principal objetivo dos ritos tesmofóricos e.g. em Atenas. Os colégios das *piae matronae* se reuniam no *sacrum anniversarium Cereris*, nos *festas annua piae Cereris* ou *annua Cerealis tempora sacra*, com rituais típicos do mundo feminino como *ieiunium* e *casta*.³¹ Essa atitude ‘conveniente’ fará muito sucesso em idade augustana (quando inclusive aumentam as atestações de ‘devoção’) principalmente entre as matronas das elites municipais (e de cujo círculo provêm a maior parte das atestações), único modo de entrar no espaço político da comunidade, ou seja, como *piae matres*, ao lado dos maridos magistrados e dos filhos *iuvenes*.³² Acrescente-se finalmente que a maior parte dessas sacerdotisas era eleita pelo conselho dos decurhões

– *sacerdos publica electa a splendissimo (!) ordine* – se bem que não seja completamente excluída a participação de uma assembléia popular. Diga-se ainda que o ambiente de Campânia se torna cenário ideal para um culto ‘político’ mas também extra-urbano, ao qual poderiam também ser coadjuvantes os *agrestes* ou *rustici* (pois a festa é originariamente agrária, de domínio rústico) e por fim os escravos, porque o ritual se estendia aos *Compitalia* (CHIRASSI COLOMBO, 1981, pp.420-422 e 425-428, seguindo LE BONNIEC, 1958, *passim*).

Sob o aspecto topográfico vai ainda sublinhada a relevância de um edifício de culto dedicado a Vênus em *Surrentum*, que seria colocado com muita probabilidade fora das muralhas citadinas, obviamente devido ao caráter ctônico e agrário de Ceres, se o culto era conjunto. Poderia corroborar essa hipótese o descobrimento, na zona suburbana da cidade, de uma estátua colossal representando aquela que poderia ser a iconografia de uma *Demeter / Ceres*.³³

Sinais Diacríticos

<i>abc</i>	letras reconhecíveis e identificáveis em texto latino.
<u>abc</u>	letras lidas pelos editores precedentes e agora perdidas.
aḃç	letras apagadas, mal conservadas ou sob fratura, mas reconhecíveis graças ao contexto.
a(bc)	resolução de abreviações /abreviaturas do texto por obra do editor.
a[bc]	integração de lacunas do texto perdidas por fratura ou por erosão.
âbc	letra em nexa com a sucessiva.
(!)	nota do editor para chamar a atenção do leitor para um erro ou uma incongruência.
[---]	lacuna com um número de letras determinável.
[- ^{ca. 7} -]	lacuna com um número de letras medível.

Bibliografia³⁴

ANASTASIO, L. A. *Animadversiones in librum F. Pii Thomae Milante Episcopi Stabiensis De Stabiis, Stabiana Ecclesia et Episcopis eius*. Neapoli, 1751.

- BADIAN, E. Notes on a Recent List of *Praefecti Fabrum* under the Republic. CHIRON 27: 1-9, 1997.
- BELOCH, J. *Campania. Storia e topografia della Napoli antica e dei suoi dintorni*. Breslau, 1890 (ed. ital. org. por C. Ferone-F. Pugliese Carratelli. Napoli: Bibliopolis, 1989).
- BEMBUS VENETUS, J. *Sylloge epigrammatum*. 1536.
- BIELMAN, A.; FREI STOLBA, R. Femmes et funérailles publiques dans l'Antiquité gréco-romaine. ÉTUDES DE LETTRES 1: 5-31, 1998.
- BREGLIA PULCI DORIA, L. Sorrento. La documentazione letteraria. In: EAD. *Dalla Magna Grecia a Cos. Ricerche di Storia Antica*. Napoli: Luciano Editore, 1996, pp.157-187.
- CAMODECA, G. L'età romana. Parte I: La colonizzazione romana dal II secolo a.C. all'età imperiale. In: PUGLIESE CARRATELLI, G. (org.). *Storie del Mezzogiorno*. vol. I, t. II. Napoli: Electa, 1991, pp.9-41.
- CAMODECA, G. Le élites di rango senatorio ed equestre della Campania fra Augusto e i Flavii. In: CÉBEILLAC-GERVASONI, M. (org.). *Les élites municipales de l'Italie Péninsulaire de la mort de César a la mort de Domitien entre continuité et rupture*. Coll. *Naples fev. 1997*. Roma: École Française de Rome, 2000, pp.99-119.
- CAPACCIO, I. C. *Historiae Neapolitanae*. Neapoli, 1607 (editio secunda, Neapoli, 1771).
- CAPASSO, B. *Topografia storico-archeologica della Penisola Sorrentina e raccolta di antiche iscrizioni edite e inedite*. Napoli: Archivio Storico per le Province Napolitane, 1846.
- CARIELLO, R. *et alii*. *Pompeo Correale. Collezionista, mecenate ed artista. Catalogo della Mostra (Sorrento 10 aprile-10 ottobre 2000)*. Sorrento, 2000.
- CASTRÉN, P. 'Ordo Populusque Pompeianus'. *Polity and Society Roman Pompeii*. Roma, Bardi Editore, 1975 (Acta Instituti Romani Finlandiae, 8).
- CERVA, M. La *praefectura fabrum*. Un'introduzione. In: CÉBEILLAC-GERVASONI, M. (org.). *Les élites municipales de l'Italie Péninsulaire de la mort de César a la mort de Domitien entre continuité et rupture*. Coll. *Naples fev. 1997*. Roma: École Française de Rome, 2000, pp.177-196.
- CHIRASSI COLOMBO, I. Funzioni politiche ed implicazioni culturali nell'ideologia religiosa di *Ceres* nell'impero romano. AUFSTIEG UND NIEDERGANG DER RÖMISCHEN WELT II - 17 (1): 403-428, 1981.

- CIL: MOMMSEN, Th. (org.). *Corpus Inscriptionum Latinarum. vol. X: Inscriptiones Bruttiorum Lucaniae Campaniae Siciliae Sardiniae Latinae. Consilio et auctoritate Academiae litterarum regiae Borussicae editum. Berolini* 1883.
- CORBIER, M. Poder e parentesco: a família Júlio-Cláudia. CLÁSSICA (Revista da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 5/6: 167-203, 1992/1993.
- DE LACHENAL, L. *'Spolia'. Uso e reimpiego dell'antico dal III al XIV secolo.* Milano: Longanesi, 1995.
- DEMOUGIN, S. *L'Ordre Equestre sous les Julio-Claudiens.* Roma: École Française de Rome, 1988.
- DEMOUGIN, S. *Prosopographie des Chevaliers Romains Julio-Claudiens (43 av. J.-C. – 70 ap. J.-C.).* Roma: École Française de Rome, 1992.
- DEVIJVER, H. *Prosopographia Militarum Equestrium quae fuerunt ab Augusto ad Gallienum.* Louvain: T. Hackens - P. Marchetti Éd., 1976 (*Symbolae, I*)
- D'ISANTO, G. *Capua romana. Ricerche di prosopografia e storia sociale.* Roma: Edizioni Quasar, 1993 (*Vetera* 9).
- DOBSON, B. The *Praefectus Fabrum* in the Early Principate. In: BREEZE, D. J.; DOBSON, B. (org.). *Roman Officers and Frontiers. Mavors Roman Army Researches.* Stuttgart, 1993, pp.60-84.
- DUNCAN JONES, R. An Epigraphic Survey of Costs in Romain Italy. PAPERS OF THE BRITISH SCHOOL AT ROME n.s. vol. 33 (20): 190-306, 1965.
- FREI STOLBA, R.; ZIMMERMANN, T. Les prêtresses campaniennes sous l'Empire romain. ÉTUDES DE LETRES 1: 91-116, 1998.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. *Legio X Gemina.* In: LE BOHEC, Y.; WOLFF, C. *Les Légions de Rome sous le Haut-Empire. Actes du Congrès de Lyon (17-19 septembre 1998).* Lyon, 2000, pp.169-190 (Coll. du Centre d'Études Romaines et Gallo-Romaines, Nouvelle Série, 20).
- ILS: DESSAU, H. (ed.). *Inscriptiones Latinae selectae.* Dublin-Zürich: Weidman, 1974.
- KAJANTO, I. *The Latin Cognomina.* COMMENTATIONES HUMANARUM LITTERARUM XXXVI.2. Helsinki, 1965 (rist. Roma, 1982).
- LE BONNIEC, H. *Le culte de Cérés à Rome. Des origines à la fin de la République.* ÉTUDES ET COMMENTAIRES XXVII. Paris, 1958.

- LE ROUX, P. *L'Armée Romaine et l'Organisation des Provinces Ibériques d'Auguste a l'Invasion de 409*. Paris, 1982.
- MAGALHÃES, M. M. *Storia, istituzioni e prosopografia di Surrentum romana. La collezione epigrafica del Museo Correale di Terranova*. Castellammare di Stabia: Longobardi Editore, 2003.
- MAGALHÃES, M. M. *'Stabiae' romana. La prosopografia e la documentazione epigrafica: iscrizioni lapidarie e bronzee, bolli laterizi e sigilli*. Castellammare di Stabia: Longobardi Editore, 2005.
- MINGAZZINI, P.-PFISTER, F. *Forma Italiae. Regio I: Latium et Campania. V. II: Surrentum*. Roma-Firenze: Lasoni Editore, 1946.
- MROZEK, S. Quelques remarques sur *aere conlato et pecunia conlata*. *Epigraphica*. (Rivista italiana di Epigrafia) 43 (1-2): 161-163, 1981.
- MUSCO MENDES, N. Centralização e integração na experiência imperialista romana: uma reflexão. *PHOÏNIX* (Laboratório de História Antiga/UFRJ) 10: 257-274, 2004.
- PAPPALARDO, U.;MURRO, C. Statua colossale femminile da Sorrento. *Mitteilungen des deutschen archäologischen Instituts. RÖMISCHE ABTEILUNG*, 107: 469-486, 2000.
- PFLAUM, H. G. *Les Carrières Procuratoriennes Equestres sous le Haut-Empire Romain*. Paris: Imprimerie Nationale, 1961.
- RITTERLING, E. *Legio*. PAULYS REALENCYCLOPÄDIE DER CLASSISCHENALERTUMWISSENSCHAFT, vol. XII,1925, pp.1329-1829.
- RUSSO, M. Sorrento romana. Resti di due edifici pubblici e di una casa con tracce di un asse viario. *LA TERRA DELLE SIRENE* (Rivista del Centro di Studi e Ricerche Bartolomeo Capasso) v. 8: 18-31, 1993.
- RUSSO, M. *Sorrento. Archeologia tra l'Hotel Vittoria e Capo Circe. Scavi e rinvenimenti dal Settecento a oggi*. Sorrento, 1997.
- RUSSO, M. Sorrento. Edifici pubblici, case private e *tabernae* tra l'età ellenistica e tardo-antica lungo due assi viari. In: SENATORE, F. (org.). *Pompei, il Vesuvio e la Penisola Sorrentina. Atti del secondo ciclo di conferenze di geologia, storia e archeologia (Pompei, ottobre 1997-febbraio 1998)*. Roma: Bardi Editore, 1999, pp.145-231.
- SABBATINI-TUMOLESI, P. *Epigrafia anfiteatrale dell'Occidente Romano. I: Roma*. Roma: Quasar Editore, 1988.

- SALOMIES, O. *Adoptive and Polyonymous Nomenclature in the Roman Empire. Commentationes Humanarum Litterarum* XCVII. Helsinki, 1992.
- SAVUNEN, L. *Women in the Urban Texture of Pompei*. Pukkila: Sumiloffset, 1997.
- SENATORE, F. *Ager Pompeianus: viticoltura e territorio nella piana del Sarno nel I sec. d.C.*. In: _____ (org.). *Pompei, il Sarno e la Penisola Sorrentina. Atti del primo ciclo di conferenze di geologia, storia e archeologia (Pompei, aprile-giugno 1997)*. Pompei: Edizioni Rufus, 1998, pp.135-166.
- SPEIDEL, M. A. *Legio IV Scythica*. In: LE BOHEC, Y.; WOLFF, C. (org.). *Les Légions de Rome sous le Haut-Empire. Actes du Congrès de Lyon (17-19 septembre 1998)*. Lyon, 2000, pp.327-337 (Coll. du Centre d'Études Romaines et Gallo-Romaines, Nouvelle Série, 20).
- SUOLAHTI, J. *The Junior Officers of the Roman Army in the Republican Period*. Helsinki-Wiesbaden, 1955 (Annales Academiae Scientiarum Fennicae, ser. b, 79).
- TORELLI, M. *Donne, domi nobiles et evergeti a Paestum tra la fine della Repubblica e l'inizio dell'Impero*. In: CÉBEILLAC-GERVASONI, M. (org.). *Les élites municipales de l'Italie péninsulaire des Gracques à Néron. Actes de la Table Ronde de Clermont-Ferrand (28-30 novembre 1991)*. Rome: École Française de Rome, 1996, pp.153-178.
- WELCH, K. E. *The Office of Praefectus Fabrum in the Late Republic*. *CHIRON* 25: 131-145, 1995.
- WESCH-KLEIN, G. *'Fumus Publicum': eine Studie zur öffentlichen Beisetzung und Gewährung von Ehrengräbern in Rom und den Westprovinzen*. Stuttgart: F. Steiner, 1993 (Heidelberger Althistorische Beiträge und Epigraphische Studien - HABES).
- ZANKER, P. *Augusto e il potere delle immagini*. Trad. ital. de F. Cuniberto. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1989.

Notas

¹ A primeira data é de BEMBUS VENETUS, 1536, seguido por CAPACCIO, 1607, p.133, por ANASTASIO, 1751, p.144 e por CAPASSO, 1846, pp.81-83; para os outros editores das inscrições vd. CIL X *sub numeris*.

² O *Museo Correale di Terranova* foi instituído em 1900 e elevado a Ente Moral em 1904. Sobre a sua história, CARRIERO *et alii*, 2000.

³ Esta primeira compilação foi assinada pelo Inspetor Honorário dos Monumentos Sr. Manfredi Fasulo, conforme o noticiário transcrito e assinado pelo então Conservador em 15 de setembro de 1935, encontrado por quem escreve na *Pasta Inventários 1-2* do *Museo Correale de Terranova*.

⁴ Trata-se de mosaicos da chamada *Scuola Cosmatese*, florescente em Roma por volta de 1200 da nossa era (cf. DE LACHENAL, 1995, p.286 e Tab. XXX.1, decoração da arquitrave no *claustrum* da Basílica de *San Paolo fuori le mura*); é provável que as partes posteriores dos nossos painéis adornados de mosaicos cosmatenses fossem aplicadas às paredes do púlpito da Basílica de Santo Antonino, porque encontra um confronto idêntico nas paredes do púlpito da Basílica da Abadia Beneditina da Santíssima Trindade em *Cava dei Tirreni* (província de Salerno), datada do século XII d.C. (exame autóptico de quem escreve em setembro de 2001). O motivo decorativo dos ditos mosaicos se encontram ainda nas numerosas igrejas construídas naquele período, entre o território Amalfitano e aquele Salernitano.

⁵ Algumas *imagines clipeatae* com as bordas decoradas com *kyma* jônico provêm da área do teatro de *Sessa Aurunca*, Campânia Setentrional: o Prof. Stefano De Caro, numa conferência intitulada *Nuovi scavi di Sessa Aurunca*, apresentada durante o Seminário *La Campania nella prima età imperiale* (em 15 de fevereiro de 2001 na *Università di Napoli Federico II*), mostrou slides com *clipei* muito parecidos. Infelizmente na época de uma visita guiada ao dito teatro, não consegui encontrá-los no lapidário para um confronto.

⁶ Sobre a existência de uma porta romana na praça de Santo Antonino (a leste da saída do *decumanus superior*), já tinha acenado RUSSO, 1999, pp.216-217.

⁷ De maneira que os *clipei* (cujo centro é a 90 cm. da base que tocava o rodapé) atingissem pelo menos 1,50 m do nível do pavimento. Ressalto, no entanto, que estes bustos salientes deveriam ser colocados em geral a uma altura muito superior à de um ser humano, pois deveriam ser olhados de baixo para cima, visto que eram inclinados para fora da cavidade.

⁸ Um longo comentário sobre esse tipo de carreira (ou grupo de exceção de DOBSON, 1993, p.70) se encontra em MAGALHÃES, 2003, p.145, n. 134. Sobre a discussão em época republicana ver ainda WELCH, 1995, pp.131-145; BADIAN, 1997, pp.1-9; CERVA, 2000, pp.177-196.

⁹ MAGALHÃES, 2003, p.145, n. 135 que remete a RITTERLING, 1925, p.1679 e a GÓMEZ-PANTOJA, 2000, pp.169-190.

¹⁰ Sobre a origem e as colocações dessa legião juntamente com a *V Macedonica*, ver SPEIDEL, 2000, pp.327-337. Toda a argumentação se encontra em MAGALHÃES, 2003, p.145, n. 136 que remete a RITTERLING, 1925, pp.1477, 1556-1557, 1562, SUOLAHTI, 1955, p.354, n. 62 e DEVIJVER, 1976, p.282, n. 204. Sobre as iterações do tribunado militar DEMOUGIN, 1992, p.142, n. 145.

¹¹ Concorde também DEMOUGIN, 1992, p.142, n. 145. Sobre a província *Lusitania*, PFLAUM, 1961, p.1050 e MUSCO MENDES, 2004, pp.265-272.

¹² Da mesma opinião RUSSO, 1997, p.49 e SENATORE, 1998, p.142, n. 55. SALOMIES, 1992, p.93 pensa que esse cavaleiro pudesse ser o pai adotivo do famoso senador de *Capua*, *T. Clodius Eprius Marcellus* com conhecidos interesses em viticultura, seguido por CAMODECA, 2000, p.109. Para as numerosas atestações de *tituli picti* sobre ânforas vinárias com as abreviaturas referentes a esses fabricantes de vinho sorrentino, ver MAGALHÃES, 2003, p.146, n. 145.

¹³ A isso já acenam CASTRÉN, 1975, p.181 e BREGLIA PULCI DORIA, 1996, p.181.

¹⁴ Para os *equites municipales* de maneira geral DEMOUGIN, 1988, p.685 ss.; comenta esse cavaleiro EAD, 1992, p.251, n. 292; algumas atualizações entre *Herculaneum* e *Pompeii* faz CAMODECA, 2000, pp.108-109; atualizações e comentários entre *Stabiae* e *Nuceria* em MAGALHÃES, 2005, pp.21-24.

¹⁵ Algumas outras atestações epigráficas do flaminato de Roma juntamente com aquele do imperador são, e.g.: *flamen Romae et Aug(usti)*, ILS 233 (*Lunae*); 6138, 6140 e 6141 (*Ostiae*), 5016 (*Tridenti*), 2714 (*prov. Hispaniae Citerioris*); *flamen Romae et divi Augusti*, ILS 4027 (*Potentia*), 1348 (*Veronae?*) e 6286 (*Aquini*); *flamen Romae et divi Claudii*, ILS 6743 (*Ticini*), etc.; para os demais ver ILS, *Indices, Sacerdotes*, pp.572-573.

¹⁶ Os 5.000 sestércios gastos pela administração municipal são uma soma alta para a cidade de *Surrentum*, mas baixa comparando-se com cifras altíssimas (até 500.000 sestércios!) destinadas ao mesmo fim em outras cidades italianas, com personagens de condição eqüestre, decurional e mesmo pertencentes ao *ordo Augustalium*. No entanto, 5.000 sestércios são mais do que o dobro da quantia que aparece nas inscrições provenientes de outras cidades vizinhas, como *Pompeii*, *Misenum*, *Capua* e *Nola* (ver a listagem em DUNCAN JONES, 1965, pp.241-245).

¹⁷ Assim pensa BREGLIA PULCI DORIA, 1996, p.180. Mas não descarto uma distribuição de terras em época posterior, ou seja, cesariana, como aconteceu com *Herculaneum* onde, como *Surrentum*, falta o quattuorvirato. A quase total ausência de inscrições de época republicana na Península poderia confirmar essa hipótese.

¹⁸ No *Liber coloniarum* (LACHMAN, *Grom. Vet.* I, 236, 22) a única notícia sobre assentamentos no território sorrentino remonta à época de Augusto; parece que o mesmo fez importantes distribuições de terras a grupos de veteranos (... *limitibus pro parte augustianis, est adsignatus* ...). Sobre a questão se as distribuições tivessem sido feitas por Otaviano enquanto triunviro ou por Augusto imperador, vd. CAMODECA, 1991, pp.33-34.

¹⁹ RUSSO, 1993, pp.23-26; *Id.* 1999, pp.185-191. Para as comparações com o teatro de *Herculaneum* ver MAGALHÃES, 2003, p.151 n. 160, segundo PAGANO, 1993, p.149-150.

²⁰ CIL X 1074: só no segundo parágrafo da epígrafe vem acrescido que *in spectaculis* (ou seja 'no anfiteatro') foram realizados os *ludi gladiatorii* propriamente ditos.

²¹ Os *Sittii* são bastante conhecidos no território compreendido entre *Pompeii*, *Herculaneum* e *Puteoli* com o *praenomen Marcus* (ver MAGALHÃES, 2003, p.154 n. 171 que envia a outra bibliografia). Ao estado atual dos nossos conhecimentos, outros *M. Sittii* somente em Roma, mas entre a época flávia e século II d.C.

²² CASTRÉN, 1975, p.39 e p.217: os *Saufeii* eram imigrados do Lácio com interesses em Delos, presentes em *Pompeii* e em *Capua* (maiores detalhes em MAGALHÃES, 2003, p.154 n. 172). Sobre a fórmula onomástica formada por nomes paternos seguidos pelos maternos (P+N+C+N+C) ver SALOMIES, 1992, pp.75-77.

²³ Para as sacerdotisas de *Pompeii*, ver CASTRÉN, 1975, pp.71-72 e 274; para *Capua*, D'ISANTO, 1993, p.300; para *Puteoli*, CIL X 1585, 1812 e 1829.

²⁴ Cf. KAJANTO, 1965, pp.71-71, 133 e 275; CASTRÉN, 1975, p.255.

²⁵ Sobre as sacerdotisas públicas honradas com *funus publicum* porque morreram durante o cargo remeto a SAVUNEN, 1997, pp.153-154 e 157-158; sobre os funerais públicos concedidos às mulheres ver BIELMAN; FREI STOLBA, 1998, pp.5-31; sobre as sacerdotisas campanas, FREI STOLBA; ZIMMERMANN, 1998, pp.91-116.

²⁶ De fato Augusto fez reviver o culto dos *Fratres Arvales* de fundação 'romulea', colégio do qual ele mesmo foi o primeiro membro entre o patriciado romano, assumindo a coroa de espigas que coroava a deusa, e se responsabilizou em primeira pessoa pelo problema do refinocimento anual de víveres (particularmente o grão) conexo com a *cura annonae*. Uma emissão monetária de 11-13 d.C. mostra que também a mulher Lúvia fora identificada com *Ceres*, e o exemplo foi seguido depois por Cláudio e Nero (CHIRASSI COLOMBO, 1981, pp.423-425 e 428). Coroadas de espigas são ainda as deusas *Dia* e *Tellus*, divindades agrárias da fecundidade e com as quais *Ceres* era identificada, cf. ZANKER, 1989, pp.128-131.

²⁷ É claro aqui que o colégio das matronas de Sorrento era ligado ao culto de *Ceres*, em vez daquele de *Juno*, mais tradicionalmente conexo com o vínculo matrimonial (e.g. ILS 3122 e 4826).

²⁸ Sobre a quantia ver os comentários no n. 2. Era uma prática comum a *ordo* da cidade homenagear alguns personagens femininos de uma certa relevância porque eram sacerdotisas em cargo (públicas ou não) na época da sua morte; seja porque benfeitoras da cidade ou por razões como prestígio por nascimento ou adquirido através de matrimônio com magistrado. São três as formas de honras fúnebres decretadas para essas 'grandes senhoras' registradas e.g. em *Pompeii*: 1) somente o lugar público da sepultura; 2) o solo público da sepultura e um *tot* em sestércios como ajuda para as despesas do funeral; 3) o terreno da sepultura e todas as despesas pagas com os fundos públicos (WESCH-KLEIN, 1993, pp.70, 78 e 142-147 e SAVUNEN, 1997, p.61 e pp.152-159). A esse ponto se indaga quem pagava a construção do monumento propriamente dito, que exigia uma grande soma de dinheiro;

esse ônus seguramente ficava a cargo das nobres famílias das defuntas. Talvez o hábito dessas concessões a alguns *domi nobiles* locais fosse uma imitação de modelos da *Urbs*, reforçada pela política augustea de apoiar o seu prestígio interno.

²⁹ Exemplos em *Paestum* (TORELLI, 1996, p.161 e pp.167-168) e *Puteoli* (CIL X 1812).

³⁰ A tradição desse culto em *Neapólis* é exemplar, a ponto que a cidade praticamente 'fornecia' sacerdotisas de *Demeter* a Roma, e onde uma inscrição de época flávia recorda um colégio feminino conhecido como οἶκος τῶν γυναικῶν (SAVUNEN, 1997, pp.135-136).

³¹ Cf. PLÍNIO, O VELHO, *História Natural* XV, 92; OVÍDIO, *Metamorfoses* X, 431; OVÍDIO, *Amores* II, 10, 1. O sacerdócio feminino público da deusa foi introduzido em Roma em torno ao 95 a.C. e tornou-se a máxima honra à qual poderia aspirar uma matrona romana, principalmente porque os chamados *sacra graeca* eram os únicos *sacrificia nocturna* permitidos às mulheres (CHIRASSI COLOMBO, 1981, p.421).

³² Como foi muito bem colocado por CORBIER, 1992/1993, p.195, estamos em uma sociedade onde o *status* de uma mulher é definido, na realidade, pelo *status* dos homens de sua família (e não somente no que diz respeito às linhagens imperiais).

³³ RUSSO, 1997, p.37; datada do século I d.C. e considerada uma réplica de um original pós-fidúcio do final do século V a.C. com influxos de outras épocas e escolas (PAPPALARDO-MURRO, 2000, pp.469-486). Penso que a iconografia poderia recordar sem dúvida uma *Demeter* com um arado em uma das mãos, mas também não excluo que pudesse tratar-se de uma *Fortuna / Tyche* com o leme.

³⁴ Como o texto original deste artigo foi escrito na Itália, para um periódico italiano, foram seguidas as normas editoriais vigentes naquele país. Não foi possível, do Brasil, ter acesso a alguns poucos nomes de editoras européias que faltam nas referências bibliográficas.

Figuras

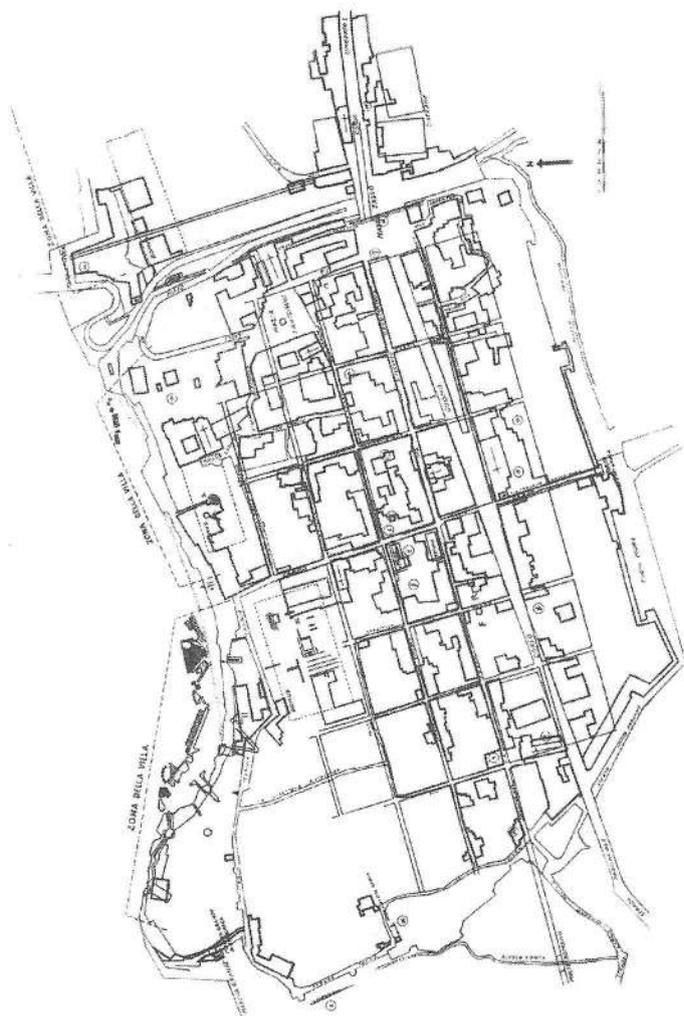


Figura 1 – Planta da cidade de *Surrentum*, que mostra a nordeste a localização da Praça e da Basílica de Santo Antonino. Indicação bibliográfica: MINGAZZINI-PFISTER, 1946, Planta II; MAGALHÃES, 2003, p.73, Fig. 24.

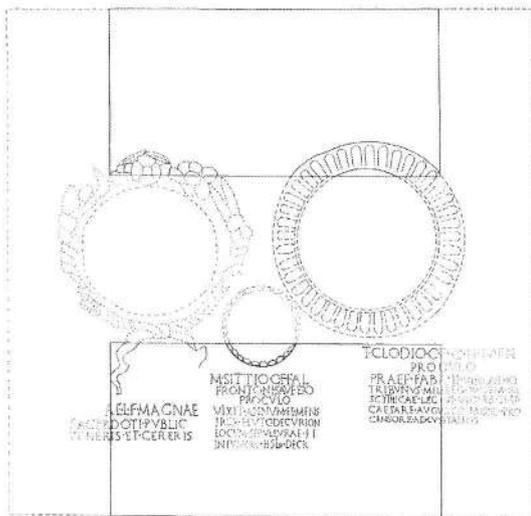


Figura 2 – Restituição gráfica da decoração e das epígrafes n. 1, n. 3 e n. 4 no primeiro painel. Indicação bibliográfica: MAGALHÃES, 2003, p.27, Fig. 4a.

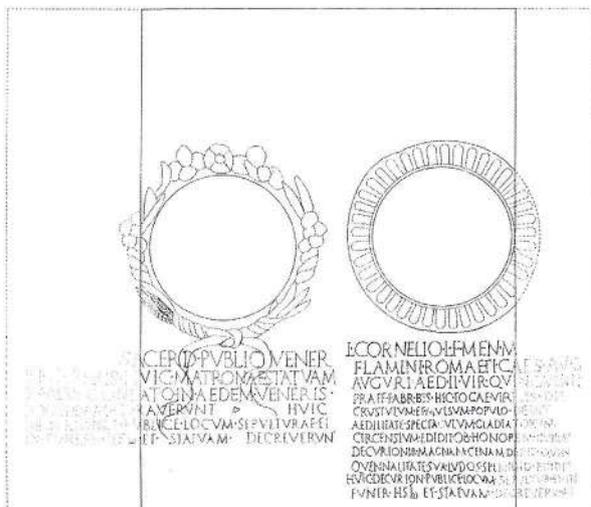


Figura 3 – Restituição gráfica da decoração e das epígrafes n. 2 e n. 5 no segundo painel. Indicação bibliográfica: MAGALHÃES, 2003, p.28, Fig. 4 b.

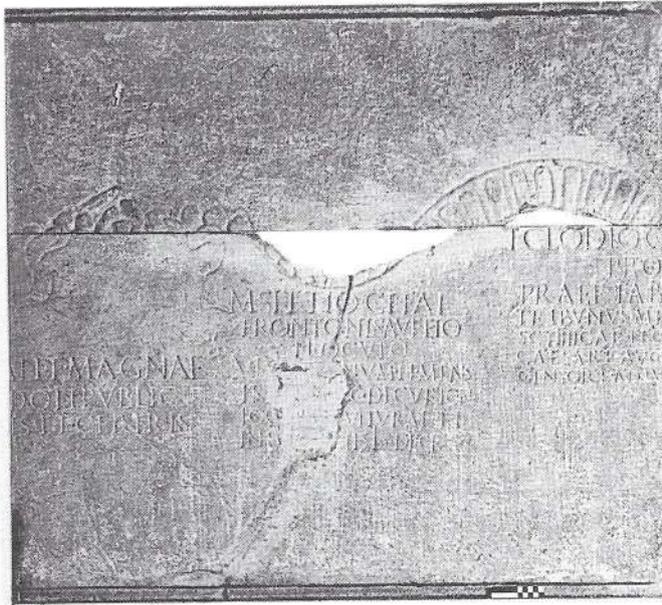


Figura 4 – Foto do primeiro painel com as inscrições n. 1, n. 3 e n. 4. Localização: *Museo Correale di Terranova*, inv. n. 219. Indicação bibliográfica: MAGALHÃES, 2003, p.217, Fig. 56.



Figura 5 – Foto do segundo painel com as inscrições n. 2 e n. 5. Localização: *Museo Correale di Terranova*, inv. n. 218. Indicação bibliográfica: MAGALHÃES, 2003, p.219, Fig. 58.



Figura 6 – Detalhe da epígrafe n. 1 do *eques romanus* T. Clodius C. [f. C. n. Men.] Pro[culus].



Figura 7 – Detalhe da epígrafe n. 2 do outro cavaleiro, *L. Cornelius L. f. Men. M[---]*.



Figura 8 – Detalhe da epígrafe n. 3 do pequeno *M. Sittius C. f. Fal. Fronto Saufeius Proculus*.



Figura 9 – Detalhe da epígrafe n. 4 da sacerdos *[Vene]ris et Cereris [---]a L. f. Magna*.



Figura 10 – Detalhe da epígrafe n. 5 da outra *sacerdos publica*, anônima.